

## Performance esportiva de adolescentes: influências psicológicas externas

Afonso Antonio Machado<sup>1 2</sup>  
Maria Regina Ferreira Brandão<sup>3</sup>

<sup>1</sup>*Escola Superior de Educação Física de Jundiaí SP*

<sup>2</sup>*Departamento de Educação Física IB-Unesp Rio Claro e SOBRAPE*

<sup>3</sup>*Universidade São Judas Tadeu – São Paulo SP e SOBRAPE*

**Resumo:** Estudar, compreender e analisar os efeitos da torcida e da mídia sobre atletas adolescentes, em momentos esportivos, demanda uma apurada revisão entre questões em constante efervescência, na Sociologia, Filosofia e Psicologia do Esporte. Desta forma, a opção de encaminhamento foi por discutirmos teoricamente a Adolescência, a Ansiedade e a Agressividade e, posteriormente, a torcida, à luz da Psicologia Esportiva, partindo então para as análises dos discursos colhidos na pesquisa de campo. Altos índices divulgados, atualmente, pela imprensa brasileira, sobre a violência e agressividade nos estádios, envolvendo inclusive adolescentes, tornam necessária a pesquisa do esporte praticado por jovens, bem como as formas de manifestação da agressividade e ansiedade apresentadas nas competições esportivas, tanto pelos jogadores como pelos torcedores, numa situação explícita de causa- efeito. Entendendo que estas influências psicológicas externas possam vir a ser responsáveis por outros e mais sérios comprometimentos da saúde mental, além dos desajustes sociais, nossa pesquisa, do tipo participante, utilizou de entrevista e questionários, com perto de 500 jovens atletas, categorizando as respostas coletadas e analisando- as à luz daquilo que de mais moderno temos em Psicologia Esportiva. Dados reveladores de maior necessidade de atenção com a prática esportiva de adolescentes, bem como uma melhor interação pais- técnicos são respostas aos questionamentos aqui iniciados. Objetivamente, esta pesquisa remete a uma maior reflexão sobre a necessidade de se tratar a Psicologia do Esporte como uma das ciências do esporte da mais alta possibilidade de intervenção, tendo em vista o suporte e a complexidade de interações por ela possibilitadas, bem como refinar as formas de atuação de seus especialistas. Tais percepções nos foram passadas diante das possibilidades de atuação direta dos profissionais da Educação Física, Esporte, pais e educadores que têm contato direto com uma prática esportiva escolar ou competitiva, conforme constatamos, no decorrer da coleta de dados.

**Palavras-chave:** Psicologia do esporte. Performance. Influências externas.

### *Adolescents' sporting performance: external psychological influences*

**Abstract:** To study, to understand and to analyze the effects of the supporter and of the media on adolescent athletes, in sporting moments, demand a select revision among subjects in constant effervescence, in the Sociology, Philosophy and Psychology of the Sport. This way, the direction option was for we discuss the Adolescence, the Anxiety and the Aggressiveness theoretically and, later, the supporter, to the light of the Sporting Psychology, leaving then for the analyses of the speeches picked in the field research. High published indexes, now, for the Brazilian press, about the violence and aggressiveness in the stadiums, involving adolescents besides, they turn necessary the research of the sport practiced by youths, as well as the forms of manifestation of the aggressiveness and anxiety presented in the sporting competitions, so much for the players as for the fans, in an explicit situation of cause - effect. Understanding that these external psychological influences can come to be responsible for other and more serious compromising of the mental health, besides the social maladjustments, our research, of the participant type, used of interview and questionnaires, with close to 500 young athletes, classifying the collected answers and analyzing - the to the light of that that of more modern we have in Sporting Psychology. Developing data of larger need of attention with the adolescents' sporting practice, as well as a better interaction parents - technicians are here answers to the initial questions. Objectively, this research sends to a larger reflection about the need of treating the Sport Psychology as one of the sciences of the sport of the highest intervention possibility, with the support and the complexity of interactions for her made possible. Such perceptions were us last due to the possibilities of the professionals' of the Physical education direct performance, Sport, parents and educators that have direct contact with a school or competitive sporting practice, as we verified, in elapsing of the collection of data.

**Key Words:** Sport psychology. Performance. External influences.

## **Introdução**

Ao analisarmos o problema da torcida, gerando a agressão e a ansiedade no esporte, além de outros transtornos emocionais, temos plena consciência da dificuldade de recepção por parte daqueles que se encontram impregnados pela visão idealista da existência, especialmente dependente, neste caso, das tradições sociodarwinistas da luta pela vida, já há muito tempo liquidadas cientificamente, mas que continuam a dominar a visão preponderante na formação dos educadores.

Falar da ansiedade e da agressividade no espetáculo esportivo é tocar em dois fenômenos complexos e sensíveis, protagonistas de uma longa controvérsia: o esporte, com sua estranha textura, está longe de ser compreendido em toda sua trama, e a agressão e ansiedade, questões pendentes há muito tempo na existência humana, hoje se manifesta com formas cada vez mais terríveis, na sociedade contemporânea e, em nosso caso, em especial, acreditamos que por intermédio da torcida.

O significado preciso que a prática esportiva tem para o indivíduo está ainda para ser determinado e, talvez, jamais se poderá compreendê-lo em toda a sua complexidade. Além disso, deve-se considerar, também, toda a personalidade atlética que está em causa, assim como a resposta a diferentes e complexas necessidades conjuntas com suas opostas e desiguais e, em alguns casos, obscuras funções, que o esporte pode preencher. Junte-se ainda a influência determinante do meio em que o jogo tem lugar e, em relevância, os espectadores que o assistem.

## **Revisão de Literatura**

Ao se levar em conta que a valorização do indivíduo, o ambiente e as coisas sofrem influências das experiências emocionais de cada pessoa, emoções tais como: o medo, a humilhação, o desgosto, não representam necessariamente uma aprendizagem considerada menos ou mais humana, esses sinais representam a sensibilidade e as conseqüências de atitudes que reforçadas sinalizam inteligência e não um processo subhumano (BANDURA, 1990). Ao se falar sobre ansiedade, tem-se a nítida impressão de que temos uma visão muito clara sobre seu conceito. Além disso, parece-nos que a definição sempre foi a mesma, não sofrendo interferências culturais. Porém, ao analisarmos este aspecto mais detalhadamente, vemos que esta é uma visão totalmente errônea. Quando se comparam as diversas definições existentes, percebe-se grande diversidade entre elas e, além disso, nota-se a dificuldade de classificá-las devido a divergência de vários de seus aspectos.

Pensando no momento esportivo, diante de torcidas que querem o resultado favorável para seu time, o papel que o atleta desempenha (sua prática), bem como suas expectativas constituem também variáveis relevantes para seu comportamento desportivo, e conseqüente manejo de seu nível de ansiedade. William (2003) afirma que cada dimensão associa-se a um determinado tipo de conseqüência. Assim, vários autores desenvolveram pesquisas, no meio esportivo, a fim de investigarem as relações entre as atribuições que os atletas efetuam para um determinado resultado, bem com as suas expectativas em relação a futuras realizações. Biddle (1999), por exemplo, baseando-se nas conclusões de pesquisas realizadas por Grove e Parganan (2006), considera ser evidente que as expectativas futuras dos indivíduos se relacionam mais com as atribuições relativas ao seu esforço do que com as relacionadas com a sua.

Expectativas de sucesso e insucesso são estados psicológicos que podem divergir num mesmo atleta dentro de uma situação real de jogo, ainda que de atleta para atleta de uma mesma equipe e perante a mesma situação alterando sobremaneira o nível de ansiedade. Dependem, também, fundamentalmente do tipo de objetivos estabelecidos para cada atleta, para cada tarefa e da percepção de cada um deles acerca do grau de realização desses objetivos (MARTENS, 2001). Entendemos que, mesmo havendo no atleta, ou na equipe, experiência em competições, existe uma variedade de exercícios de preparação que podem e devem ser simulados durante os treinamentos.

Tais simulações de competições nos treinamentos e a transformação das atividades de treino envolvem aspectos como: tempo, intensidade e situações pré-programadas etc. Pelo menos, parte do treino deve ser conduzida como se fosse uma competição, mas simultaneamente, deve-se reduzir o caráter da competição. São maneiras dos atletas, em novas situações serem treinados a suportar a pressão competitiva, buscando equilibrar seu nível de ansiedade.

A agressividade sempre foi e será objeto de estudo, por parte de pesquisadores de várias áreas. A psicologia do desenvolvimento trata o assunto como fundamental para a sobrevivência do indivíduo, passando pela compreensão dos mecanismos de controle, manutenção e aquisição de comportamentos agressivos. O avanço tecnológico, as grandes populações urbanas e as circunstâncias de vida das grandes cidades elevaram o potencial agressivo do homem, tornando-o mais perigoso na procura de seu espaço. Com relação à agressividade, durante o decorrer da história da humanidade, podemos observar que o homem se diferenciou

dos demais animais pelo seu raciocínio e sua capacidade de interpretar seus sentimentos.

No anseio de satisfazer suas necessidades, a interação destes sentimentos com a razão resulta no desencadeamento de várias ações dirigidas ao meio-ambiente ou aos seres que o cercam, podendo ser manifestado comportamentos agressivos ou mesmo afável. A agressividade surge como um dos vários componentes do comportamento humano. É através da agressão que o homem defende seu território, luta por comida e procura sua sobrevivência. Moser (1999) nos propõe que uma definição da agressividade seria: “um comportamento interativo entre um agressor e a vítima”.

Ao analisarmos o esporte, teremos que abrir nosso horizonte para compreender todas as faces do comportamento humano frente a situações vividas neste contexto. Segundo Daróz (1989) poderemos considerar o esporte como “instituição social”, pois nele encontraremos valores que em muitas atividades culturais são ausentes. Relações travadas entre os competidores, técnicos e platéia extravasam os mais diversos sentimentos, inclusive a agressividade, em momentos de entretenimento que poderemos confundir com a vida em sociedade de maneira geral.

O esporte distingue-se de muitas outras formas de atividades humanas por sua elevada emocionalidade. Os sentimentos provocados pelas competições são vivenciados não só pelos participantes diretos, como também por numerosos observadores e espectadores. São exatamente a riqueza emocional e os numerosos momentos de tensão que atraem milhões de pessoas (TSCHERWIKOWA, 2005). Um fenômeno que também ocorre no esporte, é a transferência dos processos emocionais entre o praticante e a torcida. O praticante se identifica com a torcida, o que lhe traz uma grande confiança no seu desempenho, reduzindo assim, a probabilidade de um alto nível de ansiedade referente à incerteza do resultado obtido.

Segundo Szabo (2005, p. 189) essa transferência apoia-se “[...] em processos sócio-psicológicos, como contágio social, transferência de disposição dentro do mesmo grupo e entre diversos grupos, sugestão de massa, identificação com o líder (a estrela desportiva) e imitação de seu comportamento, adaptação ao comportamento de grupo, vivência do grupo e da comunidade [...]”.

Nos dias de hoje, é comum ouvirmos notícias relacionadas à violência entre torcedores, e até mesmo entre jogadores. Essa violência está cada vez mais presente no meio esportivo. A presença do público tem uma influência relevante, por si só, assumindo considerável importância em relação às atitudes e comportamentos de certos jogadores, o que provoca

um clima tenso, gerando brigas durante eventos esportivos, ou ainda, apatia e inércia.

As causas dessa violência são inúmeros fatores que tentaremos descrever, procurando sempre enfatizar os aspectos mais significantes que poderiam influenciar as equipes e seus jogadores. Em situações em que se deparam com “torcidas” adversárias, que procuram promover a perda do controle dos atletas e da equipe, o objetivo da turba é causar um descontrole, com atletas reagindo de maneira não produtiva, sem conseguir desempenhar de maneira eficiente o seu papel. Por outro lado, temos indivíduos e equipes esportivas que só conseguem obter êxitos em competições, quando se deparam com o público adversário, passando a jogar em função do público que está fora da quadra, e não mais com a equipe adversária.

Em cada um destes casos temos reações diferentes: aqueles que preferem jogar com o público prestigiando, aqueles que preferem uma oposição do público, aqueles que apenas jogam quando a torcida está incentivando, e tornam-se apáticos quando esta não se manifesta. Tais situações podem ser vistas em todo momento, ao assistirmos um evento esportivo, onde o “ídolo” da torcida faz gestos para que o público se manifeste, o que psicologicamente estará motivando a equipe, ainda que inadequadamente.

Desta maneira, a motivação é uma questão de suma importância, no que se refere à prática de esportes. Assim sendo, conhecer a influência da motivação do público espectador, bem como sua atuação nos indivíduos, é importantíssimo não só para os psicólogos do esporte como para atletas, técnicos, professores e pais.

Ao considerarmos a influência do público espectador em equipes esportivas, iremos abordar alguns temas que podem influenciar, direta ou indiretamente, o atleta e sua equipe, tentando alterar o comportamento dos mesmos, chegando a influenciar em sua performance e, na análise do público esportivo é importante ressaltarmos os aspectos econômicos, políticos ou sócio-culturais que irão influenciar no comportamento e atitude desse público espectador.

Sabe-se que o público apresenta determinados comportamentos e determinadas emoções que poderíamos relacionar com sua vida cotidiana. Segundo Segré (1999) os esportes se diferenciam e uma das diferenças está na reação qualitativa do público (no tênis, o público influencia sem gritos e algazaras, o que não ocorre em outras modalidades, onde o grito, a vaia, o batuque são predominantes).

Influências externas tendem a ser positivas ao atleta, mas é importante ressaltarmos que diante de um confronto de duas equipes, teremos dois atletas, com torcidas específicas,

treinadores com comportamentos diferentes, tentando reforçar a atuação do espectador, fortalecendo o desempenho de seus atletas.

## Metodologia

A opção pela pesquisa participante, além da necessidade de adoção da *pesquisa ex-post-facto*, em alguns momentos, facilitou sobremaneira o desenvolvimento do trabalho, obrigando-nos a exercer a neutralidade em situações em que tínhamos clareza do resultado final da intervenção a que assistíamos. No entanto, tal exercício fez-nos analisar com maior profundidade os componentes teóricos que alicerçam o trabalho em questão. Isso nos permitiu rever pontos que tínhamos como irrelevantes mas, que numa análise mais detalhada, alteram o andamento da situação proposta. Os questionários seguidos de entrevistas foram indicativos de que mais e mais dados eram apresentados, além dos supostamente esperados.

Assim, observações, entrevistas abertas e semi-estruturadas e coletas de depoimentos foram as técnicas adotadas para a abordagem aos 502 atletas de equipes juvenis, de modalidades esportivas individuais e coletivas. Este material recebeu o tratamento da categorização, baseada na teoria de análise da Psicologia Fenomenológica, de Forghieri (1999), para que pudesse sofrer análise contundente.

## Análise e Discussão

Acreditamos que a prática sócio-esportiva vai além do aspecto, puramente, da saúde física do homem. Percebe-se, através dela, o desenvolvimento das relações sócio-afetivas, a comunicabilidade, a sociabilidade, ajustando socialmente o homem ao meio em que vive. Isto tem delineado um caldo cultural esportivo que exerce uma poderosa influência sobre as condições de sobrevivência humana nos grandes centros urbanos.

Tal característica do esporte, de criar situações em que o indivíduo praticante busca dentro do meio esportivo o que mais lhe convém, para seu desenvolvimento pessoal (físico e psicológico), no qual as relações interpessoais ocupam um papel relevante tem sido acentuado, em nossos tempos. Esta relação da prática esportiva, com o indivíduo, vai desde a sua participação em competições até a prática gímnico-esportiva de forma terapêutica, lúdica, educativa e política.

Desse modo, o esporte sofre os perigos de interesse pessoais, institucionais e de grupos que agem como instrumento de poder social e institucional. Para superar esta

situação parecem necessárias medidas de caráter educacional, formativo e administrativo, para que o esporte assuma um papel socializante de formação educacional, com comportamentos sociais condizentes com os valores morais e éticos veiculados pela sociedade.

A busca dos fatores que desencadeiam a agressão e a ansiedade tem sido preocupação de diversos autores, como vimos em nossa revisão de literatura. Existem aqueles que partilham a idéia da agressão como um instinto de combate, e a ansiedade como a emoção que antecede ou precede os momentos agressivos, que o homem tem em comum com inúmeros outros organismos vivos. Compartilhando deste pensamento temos Eibl-Eibsfeld (1998) e Lorenz (1973).

Na tentativa de sair destes momentos de ansiedade, ou mesmo para tentar evitá-lo, localizamos comportamentos agressivos que, pelas suas incidências, dificultavam o discernimento entre um e outro: ansiedade-agressão-ansiedade-agressão... como numa operação de causa-efeito, o que não é uma verdade, por não serem apenas decorrentes, conforme dados analisados por William (2003).

Parece, pois, importante tentar entender as forças psicológicas que agem sobre o jovem atleta e que o modificam internamente. Os jovens relativamente novos no esporte entram pela primeira vez em situações nas quais seu sucesso ou fracasso é muito visível aos outros, fora da sua família, conforme constatamos por intermédio de nossas entrevistas. Tais situações podem lhes trazer o sentimento do próprio valor outorgado pela sociedade; a qualidade dessas confrontações iniciais com o esporte são raramente esquecidas quando esses jovens atingem a idade adulta. É por isso que se faz de tudo, até as últimas conseqüências, para se atingir a vitória.

Diante dos fatos observados, das conversas entreouvadas e das inflexões “sentidas” é que se conclui que os jovens fazem tudo pelo prazer de ganhar. Ainda que a vitória só interesse ao técnico, ao pai ou à torcida. E isso é muito evidente quando observamos que ele briga pela pressão sofrida de fora para dentro: a torcida inflama o ambiente, o pai excita para a luta, o técnico orienta para a jogada faltosa. Hoje, a mídia, com seu poder de influência no mundo juvenil, repete lances de extrema violência com requintes de didatismo; a câmara lenta possibilita que se divida o momento da agressão, tornando-se fácil a cópia e a repetição do gesto, por vezes seguidas.

Os campeonatos de esportes ligados às Federações Esportivas deixam transparecer a idéia de que as regras esportivas têm uma leitura diferente dos campeonatos disputados pelas equipes vinculadas às Ligas regionais ou

estaduais, o que não corresponde com a verdade. Em qualquer das entidades citadas, a prática da modalidade será norteada pelas Regras Oficiais Internacionais, porém disputar uma partida num jogo federado imprime um determinado “status” ao evento, que o distingue dos demais outros. Talvez este seja um dos fatos que estimulem a agressão descabida em jogos das Federações Esportivas.

A observação apurada e a análise de conversas e interferências com jovens atletas nos fazem perceber que, ainda que num campeonato da envergadura como o de uma Federação Esportiva, encontramos participantes com dificuldades de aprendizagem; praticantes que embora possuidores de condições físicas e técnicas acima da média têm uma ação limitada, não concretizando suas potencialidades. Estes atletas demonstram sinais de grande ansiedade e se descontrolam com facilidade.

Tais descontroles e sinais de ansiedade são evidências de que algumas etapas não se desenvolveram em suas respectivas épocas, ou melhor dizendo: nos momentos oportunos, com adequação. Muitos são os casos de jovens atletas, ainda em fase inicial de aprendizagem que, por apresentarem um crescimento acelerado, serem incluídos entre os que estão a disputar um campeonato de alto nível, sem contudo terem atingido uma fase maturacional ideal para tanto, nem mesmo terem atingido um nível adequado de aprendizado da modalidade para poderem compor quadros competitivos (JOLIBOIS, 1999, MAFESSOLI, 1991).

O profissional da Educação Física precisa, inclusive preocupar-se em familiarizar os atletas com os potenciais adversários, descrevê-los de forma realista, apontando seus pontos fortes e fracos, salientando as estratégias do confronto. O importante não é ser um adversário forte ou fraco, o treinador deve valorizar as metas que tenham a ver com o desempenho dos atletas e nunca com o resultado final a todo custo (GOLDBERG, 1997, RICHARDS, 1998).

O esporte, em sua feição competitiva, entra na vida moderna constituindo-se num fenômeno social que passa a interferir no cotidiano, de forma irreal. Tal interferência é dona de uma força cujo impacto determina para o homem comum uma grande gama de influências que, geralmente, não são entendidas ou não são conscientes. Ou então vejamos: será que um jogador, em sua normalidade, chutaria um fotógrafo pelo fato daquele o estar objetivando? Após um lance duvidoso, o árbitro apita uma falta e, ao voltar suas costas ao jogador faltoso, é agredido com um violento chute. Tudo numa fração de segundo, sem chance de raciocínios melhores elaborados. Não estariam tais atitudes pré-concebidas no inconsciente de seus autores?

Durante a competição, dar o máximo, fazendo sempre melhor e ampliando os limites próprios, é uma tese a ser seguida, continuamente. Talvez seja a própria estrutura do esporte. Desta forma, o limite individual assume características específicas em cada uma das práticas esportivas; todos os jovens esportistas estarão empenhados em superar suas próprias marcas, independente de quais sejam elas: seu limite e/ou o limite do oponente. A competição passa a ter conotação de comparação de valor e de capacidade entre indivíduos, que se regem por normas que definem espaços e originam tensões.

Fica difícil garantir que não se ultrapassem limites. Ao tentar a auto-superação, parece haver uma pré-disposição para a superação do limite do outro, sem mesmo contar com as características individuais dele. Os valores individuais são confundidos com valores gerais, principalmente com a torcida forçando resultado, e tudo se complica: atitudes, emoções, limites...

Estabelece-se assim um processo dinâmico, de interações constantes, que ao solicitar a participação crítica dos jovens atletas, originará a valorização qualitativa da prática competitiva. Acreditamos, mesmo, que diante de tal reflexão, os adolescentes buscarão novos fatos de cultura, desenvolvendo, portanto, novas situações e exigindo novos ingredientes da área do saber humano, chegando a uma dimensão mais humana da disputa competitiva. E isto dependerá da maneira como será conduzido o processo da prática esportiva, como um todo. Não se pode falar apenas no treinamento, ou no jogo, ou na torcida, ou na família,... mas no inter-relacionamento que tal processo dinâmico necessita para atingir um objetivo diferente do exibido até então (SERPA, 1995, SEGRÉ, 1999, DURANT, 2006).

## Considerações Finais

Para Machado (1998), o esporte precisa ter sua prática associada à ética de tal forma que se torne inviável a sua prática, sem que não se observem os preceitos morais e éticos que compõem a sociedade. O esporte é prazer para o homem, quando praticado de forma lúdica. Para o adolescente dependerá, exclusivamente, da maneira como o esporte é visto por ele e pelo profissional responsável pela sua prática esportiva. À medida que o vínculo criado passa a ser o de brincar, de confraternizar-se e/ou de comunicar-se com os seus semelhantes, em um contexto livre de ânsias, agressividade e violência, o esporte tem caráter lúdico.

Nem sempre a participação e o bom senso do indivíduo, no esporte, estão lado a lado, em situação de alto rendimento. Muitas vezes, quando a competição cobra ajustes de seus

participantes, aspectos degradantes e prejudiciais ao atleta, podem surgir e levá-lo a desvios de comportamento ou a desajustes. Exemplos comuns são a ingestão de drogas e a agressão aos outros. Embora os professores e treinadores de educação física definam seus programas de treinamento defendendo, veementemente, que estão desenvolvendo integralmente o atleta e preparando o cidadão do futuro existem evidências de que no esporte - competição esta afirmação é, pelo menos, contraditória.

Nesta perspectiva, é preciso tentar reverter estas atitudes inadequadas, e transformar em fundamental o esporte que tenha como objetivo proporcionar ao adolescente experiências, para que ele aprenda a lidar com esta etapa da vida de maneira mais saudável, contribuindo para o seu desenvolvimento tanto corporal como psicológico. O aparecimento de comportamento agressivo e violento está diretamente ligado à importância emocional que a competição representa para cada esportista/ torcedor e seu envolvimento emocional com a atividade. Deve também ser levada em conta a participação direta das expectativas que cada torcedor leva para a competição, influenciando assim o comportamento agressivo de cada atleta na competição. Quando há uma platéia e/ou uma torcida, esta também influencia o emergir e a manutenção da agressão, tanto entre os que estão diretamente envolvidos na atividade esportiva, como nos que a assistem.

Entendemos como Guay (1998), que nos lembra que a agressão no desporto é consequência ou parte integrante da agressão existente na sociedade, e que parece utópico querer eliminar a agressão do desporto sem modificar a situação geral da sociedade. As questões ambientais, de caráter geral e específico, são variáveis importantes dentro das pesquisas, com respeito ao comportamento agressivo no esporte. As condições sócio-econômicas e políticas, bem como a socialização são variáveis que atuam intimamente na motivação e comportamento dos atletas. Essas variáveis de caráter geral reforçam o comportamento do atleta, tanto positiva quanto negativamente (CAILLOIS, 1993) e, até inconscientemente, são valorizadas pela torcida.

De uma maneira conclusiva podemos afirmar que comportamentos hostis por parte do público, em geral, são elementos de forte ligação com a agressividade manifestada em momentos esportivos, de maneira tal que, numa escala menor ou maior, depende da oportunidade consiga-se mostrar que se entendeu a mensagem passada e que se concorda com a ordem expressa. Uma equipe que recebe ordem, que não consegue digerir informações que não sejam gritadas e esbravejadas tenderá a ser agressiva e barulhenta, tendo este quadro de modelo. Não haverá comedimentos.

*Motriz, Rio Claro, v.12, n.3, p.262-268, set./dez. 2006*

No entanto, antes mesmo dos momentos agressivos, surpreendeu-nos os estados de ansiedade, observáveis em atletas em desenvolvimento. Eram detalhes que se misturavam entre os erros técnicos e os fracassos psicológicos e emocionais, como: saques errados, em demasia, durante os jogos, contra saques corretos durante o aquecimento; saídas erradas, durante a prova, contra belas e corretas saídas do aquecimento; mãos certeiras em lances livres e gols, no aquecimento, contra mãos trêmulas e desreguladas, no jogo. Mas a torcida não torce pelo aquecimento...

Suores, tremores, sensações de frio ou calor, irritabilidade, passos vacilantes, desdêns, ombros caídos foram assinalados e percebidos em situações que antecediam, decorriam ou finalizavam momentos esportivos que se consideravam próprios para a educação de nossos jovens atletas. E estas sinalizações nem sempre foram notadas ou trabalhadas pelos profissionais presentes, nem analisadas pelos pais que acompanhavam filhos-heróis. Tão pouco apresentam significados para o torcedor que está de olhos fixos no resultado do placar e na atuação certa de sua equipe

Como era de se esperar, o pai é um introdutor esportivo muito importante, dentro do grupo familiar. Ao mesmo tempo, os membros da família parecem exercer fortes informações para a participação em treinamentos, atuando com mais vigor que os próprios amigos, segundo dados apresentados por Campos (2005) e Coleman (2007). É provável que, à medida que o jovem se desenvolva, haja evolução num determinado tipo de orientação voltada para uma prática que o aproxime mais do êxito, em se considerando suas habilidades motoras e preferências. Não observamos nenhum caso de prática forçada ou induzida, apenas percebemos que a influência paterna era perturbadora, tanto diante de colegas como em comentários mais diretos, com o próprio atleta ou junto aos técnicos; percebemos, inclusive, que havia uma certa ansiedade em momentos iniciais de conversas pai- técnico, como se pudesse prever que seriam tratados de assunto desagradáveis sobre o jovem atleta.

É necessário que o confronto esportivo se componha de forma tal que corrija os erros e os males de uma prática que repele noventa e nove por cento dos iniciados em modalidades esportivas. Tanto para os que ficam, como para os que fogem do treinamento que conduz à competição é preciso que se consiga adequar o momento competitivo de modo que ele contribua efetivamente e de maneira sadia com o desenvolvimento e equilíbrio da personalidade dos atletas em formação.

## Referências

- BANDURA, A. **Social learning theory**. Englewood Cliffs: Prentice Hall, 1990.
- BIDDLE, A. H. **The psychology of aggression**. New York: Wiley, 1999.
- CAILLOIS, R. **Les jeux et les hommes**. Paris: Folio Essais, 1993.
- CAMPOS, D. M. S. **Psicologia da adolescência**. Petrópolis: Vozes, 2005.
- COLEMAN, J. C. **The nature of adolescence**. New York: Mc Thuen, 2007.
- DARÓZ, E. **Considerações sobre a torcida e agressividade**. 1989. 35 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Educação Física) – Instituto de Biociências, Universidade Estadual Paulista, Rio Claro.
- DURANT, M. **El niño y el deporte**. Madrid: Paidós, 2006.
- EIBL-EIBSFELD, H. Implications of psychology in training and preparation. In: ORLICK, T.; SALMELA, J. H.; PARTINGTON, J.T. (Org.) **Mental training for coaches and athletes**. Ottawa: Coaching Association of Canada, 1998. v.1, p.90-92.
- FORGHIERI, Y.B. **Psicologia fenomenológica**. São Paulo: Record, 1999.
- GOLDBERG, J. P. **Psicologia da agressividade**. São Paulo: Editora ICC, 1997.
- GROVE, H.; PARGANAN, G. W. H. Aggression and instinct theory. **International Journal of Psychoanalysis**, London, GB, v.152, n.2, p.155-160, 2006.
- GUAY, H. **La culture sportive**. Paris: PUF, 1998.
- JOLIBOIS, R. P. **L'initiation sportive**: de l'enfance à l'adolescence. Tournai: Casterman, 1999.
- LORENZ, K. A. **A agressão**: uma história natural do mal. São Paulo: Martins Fontes, 1973.
- MACHADO, A. A. **Interferência da torcida na agressividade e ansiedade de atletas adolescentes**. 1998. 187 f. Tese (Livre-docência) – Instituto de Biociências, Universidade Estadual Paulista, Rio Claro, 1998.
- MAFESSOLI, M. **Essais sur la violence**: banale et fondatrice. Paris: Librairie des Méridiens, 1991.
- MARTENS, R. **Anxiety and motor behavior**. New York: John Wiley & Sons, 2001.
- MOSER, G. **A agressão**. São Paulo: Ática, 1999.
- RICHARDS, J. **Las influencias exteriores en el deportista**. Madrid: Teleña, 1998.
- SEGRÉ, M. **Les enfants et les adolescents face au temps libre**. Paris: Les Editions ESF, 1999.

SERPA, S. Psicologia social do desporto: evolução e perspectivas. In: **ACTAS**. Porto: Universidade do Porto, 1995. v.1, p.146-168.

SZABO, D. **El adolescente y la sociedad**. Madrid: Herder, 2005.

TSCHERWIKOWA, O. A. **Sport psychology**. New York: Academic Press, 2005.

WILLIAM, R. M. **Sport and culture**: a psycho-sociological interpretation. New York: Knof, 2003.

<sup>1</sup> Afonso Antonio Machado é docente na Escola Superior de Educação Física de Jundiaí, e no Departamento de Educação Física, da UNESP, na graduação e pós-graduação. Mestre e doutor pela UNICAMP e livre-docente pela UNESP, coordena o Laboratório de Estudos e Pesquisas em Psicologia do Esporte.

<sup>2</sup> Maria Regina Ferreira Brandão é docente da Universidade São Judas Tadeu, na graduação e mestrado. Mestre e doutora em Psicologia do Esporte, atuou com psicóloga de várias seleções brasileiras das mais variadas modalidades.

Endereço:

Afonso Antonio Machado  
Rua Voluntários da Pátria, 100 Jd. Morumbi  
Jundiaí SP Brasil  
13 209-310  
email [afonsoant@uol.com.br](mailto:afonsoant@uol.com.br)

*Manuscrito recebido em 18 de abril de 2007.*

*Manuscrito aceito em 13 de junho de 2007.*